

# Cantando Contos sem Contar Pontos

João Rodrigues Peralta

2015

Agradecimentos

**Cindy Bae**

**Francisco José Peralta**

**Márcio Markendorf**

## Sumário

E A Vida Parou Na Beira da Estrada .....	1
Nascimento, Maria e José .....	2
Evelyn McHale .....	7
Além da Morte .....	8
Hiroshima Watercollor.....	11
O Ato de Esperar .....	12
Micro-conto Individualista.....	18
Depois do Café.....	19
O Útero.....	21
O Peso dos Corpos .....	25
Minimamente Existencial.....	28
Antônio .....	29

## **Apresentação**

Seguem-se, oito contos, e um grupo cinco micro-contos, produzidos pelo acadêmico João Rodrigues Peralta, no decorrer da disciplina de Escrita Criativa, do curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina, no segundo semestre de 2015, sob a orientação de Márcio Markendorf.

## **E A Vida Parou Na Beira da Estrada**

Gosto de café sem açúcar; sem adoçante; sem leite; sem chocolate; sem nada.

Depois de anos, viajo de novo pelas estradas que meu pai me levava. Meu velho. Meus velhos tempos. Idos tempos velhos. Paro naquela mesma lanchonete de beira de estrada. A mesma senhora austera e enrugada, atendendo, atrás do balcão de mesma cor, mesmas manchas, mesma textura. Mesmo cheiro de alcatrão e mofo no ar. Tenho quase certeza, mesmo, que é a mesma cadela, ali, de tetas inchadas, deitada, esparramada, imóvel, na porta, no mesmo lugar, mesma posição... Talvez seja mentira. Talvez seja tudo a mesma mentira.

Sento-me. Sinto ali a colônia do pós-barba do meu velho, aquele mentolado barato, fresco. Sim. Os olhos fechados umedecem... Mas nada, nem ninguém, para pra sentir aquele cheiro. Do teto, nicotina continua prestes a pingar. A senhora, rouca, continua com a ponta do cigarro amarelado de lado na boca, abridor pendurado no pescoço, uma jarra de café na mão esquerda, atendendo. Velhos. Gordos. Barbudos. Outros magros, sem barba. Outros, nem velhos. Todos cheirando a álcool. Uns gritando conversas, sussurradas. Outros jogando cartas. Nas mãos, nos braços, nas vozes, tatuagens desbotadas. Um, no canto, esmurra a mesa bamba, levanta a voz. A cadela levanta o pescoço e olha pra dentro. Vejo-me nos olhos dela. Como da outra vez. O olhar de um cão não se esquece. O senhor do meu lado também parece pensar o mesmo. Mais do que eu, talvez. Peço um café com leite. Coloco cinco colheres de açúcar. Mexo. Tomo. O pós-barba do meu pai, os calos dele no meu ombro. "Pra mim, Whisky, baby. Duplo. E não me surrupia. Sim, levando o menino no caminhão hoje. Passo pela cidade dos avós dele. Não. Meus não. Pais dela... Ela? Tá em casa, claro. A gente? Conversar sobre o quê? Porra baby! Porra! Tinha notado que você estava mais gorda. E quer que eu acredite que é meu? Ouvi dizer que não faz bem fumar, assim... Faz mal. Foda-se! Mais uma dose. Duas. E o café com leite do menino? Traz açúcar também". Sinto o pós-barba dele, sentado no meu lado.

Bom dia Madalena, tu lembra do meu pai? Ned Hupper? Tudo bem, não faria questão de lembrar também. Como é que esta meu irmão?"

## Nascimento, Maria e José

### I.

“Boa tarde. Tudo bem com você, querida? Bom, bom... Não precisa ficar nervosa... Vamos lá! Você tem seu texto, né? Ok. Você está caminhando, tranquila, pela favela. Isso. Você caminha, de chinelos *havaianas*, não tão... Isso. Melhor. Você está descendo a ladeira, a mesma de todos os dias. Os tiros começam e... Está bom já, querida, muito obrigado. Próxima. Quem é a próxima agora? Ana? Não era Madalena? Depois? Obrigado... Boa tarde, Ana. Tudo bem com você, querida? Parece nervosa, não precisa, você decorou seu texto, né? Vamos lá.”

### II.

“Já decorou seu texto, Maria?” mamãe me perguntou enquanto fazia a mesa.

Era aquela hora da manhã em que o sol entrava pelas frestas e buracos dos tijolos e iluminava a cozinha escura com aquelas formas estranhas, bem amarelas de luz. Uma delas parecia um cérebro. É só um buraco. É um cérebro, sim, definitivamente. Talvez não um cérebro humano. Não imagino que o cérebro humano seja assim tão pequeno. Uma outra mancha de luz, bem maior é um quadrado, retângulo, não sei, de um tijolo da parede que caiu inteirinho. Meio sem graça, mas adoro sentar num lugar da mesa que minha cabeça fica bem de costas pra luz e minha sombra, meu cabelão desenhado bem no centro do retângulo, na mesa do café. A nuca ficaquentinha. Papai não gosta. “Fica difícil olhar pra você contra a luz, menina.” Tem outra dessas luzes, menor, que o Pedrinho falava que parecia um pênis, meio deitado. Eu não sei. Não sei o que parece. É como aquelas nuvens que não dá pra saber o que é e o olho muda pra do lado. Eu gosto mais de olhar pra do cérebro mesmo... Saudade do Pedrinho. “-Cala a boca. A gente não fala dele na mesa”, papai ficou bravo. A gente nunca fala dele. Não sei o que aconteceu com ele, faz tanto tempo que... “Já decorou seu texto, Maria?”. Esse cheirinho de café. Já sim, mamãe. Sim, a gente repassa ele antes da aula. “A audição é amanhã já”.

### III.

“-Boa tarde, Madalena. Tudo bem com você, querida? Bom... Pode relaxar, não precisa ficar nervosa, eu não mordo... Vamos lá! Você tem seu texto de cor, né? Ok. Você está caminhando, tranquila, pela favela. Isso, quase descalça, descendo a ladeira. Sua cabeça está

longe, no menino da escola, na amiga... Você nem repara nos primeiros tiros. Isso, quando vê, todo mundo já se escondeu, você está lá, no meio da rua, nem sabe de onde estão vindo os tiros, pra onde correr... Mais desespero. Isso, sua linha agora. Está bom, já está bom querida, obrigado. Próxima!”

#### IV.

“Maria, olha aqui, comprei essa roupa pra você usar amanhã”. Que vestido lindo. Muito mais bonito do que todos os que eu tenho. “Termina seu dever aí e veja se serve”. Mamãe parecia um pouco nervosa, mas o vestido... é tão lindo. Um alcinhas tão fininhas, tão delicado, bem vermelho, mas bem leve. “Esse aí o diretor não vai ignorar”. Obrigado, mamãe. “E veja de acordar mais cedo, amanhã, Maria, pra gente fazer uma chapinha nesse cabelo antes de ir pra lá”. Mas a menina mora na... meu papel é meio assim, não... não vai ficar tão real de cabelo liso. “Ah, menina, fica quieta, eu sei o que estou falando! A gente acorda mais cedo e deixa você do jeito que eles gostam”.

#### V.

“-Muito bom, gostei muito, Débora. Parabéns. Vamos analisar melhor as outras atrizes e a produção entra em contato com você assim que tivermos o resultado. Obrigado... Próxima!”

#### VI.

“-Na próxima vida, Maria, você talvez nasça com um cabelo melhor... Daí sim você faz seus testes de papel, tranquila, sem se preocupar com chapinha, ok?”. Mas a personagem é negra, mãe... “-Faz a porra da chapinha, Maria”. O papai está sempre bravo depois que Pedrinho fugiu de casa. Tá bom, eu faço então, que saco. Mas deixa eu descer comprar pão pro café antes então...

#### VI.

“Manda alguém me trazer um café. Não aguento mais. Como é o nome da próxima? Outra Maria? Tantas Marias. Me pergunto se todas essas aí terão filhos Severinos”. O assistente ri. “Manda entrar.”

## VII.

Sentir o calor do saco de pães quentinhos entrando no peito, nos braços... Que delícia. Como eu adorava essa sensação. Também tinha o cheirinho. Ahh... Era sempre uma pena que só tinha esse prazer na subida, quando estava voltando pra casa da padaria. Na ida, que era descida seria bem melhor. Mas enfim, chegaria logo em casa, e o cheirinho do café da mamãe sempre me faz esquecer as pernas doendo. Mamãe nunca me deixa tomar o café. Era um saco. Mas o cheirinho, eu gostava tanto. Antes era sempre o Pedrinho que ia buscar pão. Será que ele também gostava do calorzinho e do cheiro deles, enquanto subia a ladeira? Bem, ele a mamãe deixava tomar café. Será que ele ainda toma café? Ainda tenho que fazer chapinha, melhor ir mais rápido... Como era a minha fala mesmo? Está tão vazio, que estranho. Nossa, é a voz de Pedrinho. É a voz dele. Ele me chamou. Eu ouvi. Onde...

## VIII.

(Diversos excertos, recortes ou citações retirados da mídia após a data do ocorrido).

“... milagre! Foi sim um milagre, estamos certos disso. O processo foi concluído...”  
(discurso do Papa Francisco na basílica de São Pedro, Vaticano, em 30/08).

“... no meio dos tiros, por volta das 06h50 dessa segunda feira, foi o silêncio que assustou a todos. Foram aos poucos saindo de trás das viaturas, dos muros, das casas. Uns descendo o morro, descalços, outros subindo, fardados. No centro, a criança, Maria, caída, morta no meio da rua. Uma alça do vestido vermelho arrebatada deixava à mostra um de seus peitos. O silêncio de todos. Alguns pães espalhados ao redor do corpo da criança, outros ainda dentro da sacola de papel caída perto de um dos braços. O silêncio. As armas todas apontadas para o chão. O buraco da bala exatamente no centro da testa da menina e o sangue, que escorria dela, subia. O sangue subia a ladeira, por entre os paralelepípedos. Tão lento, quanto se descesse, o sangue da criança subia o morro. E todo resto em silêncio.” (Crônica publicada no Jornal O Estado de SP, em 21/08, por testemunha.)

“... o caso de Maria continua causando polêmica ao redor do mundo. A criança, de 9 anos, filha de Ruth e Mateus Silva foi vítima de uma bala perdida, durante uma operação da PM, na manhã da última segunda feira, 20/08 quando o sangue derramado subiu o morro, como registrado nas diversas filmagens que mostramos agora, com exclusividade...” (retirado de matéria exibida no programa “Fantástico” especial que foi ao ar na Quarta-Feira 22/08).

“Superintendência da Polícia Militar afirma que bala que matou Maria veio do grupo de traficantes...” (retirado de reportagem do Jornal Nacional de 24/08).

“Equipe de especialistas da USP e UFF faz análise da ladeira em que Maria morreu, durante essa próxima semana, em busca de possíveis anomalias que expliquem o evento...” (retirado de reportagem do Jornal RJ TV).

“...procura por voos para o Brasil quintuplica em todo o mundo, menos de quatro dias após o caso Maria, (...) especialistas cogitam altos fluxos religiosos no local.” (Excerto de matéria de Lucas F. J., publicado em “Revista Turismo”, 30/08).

“...A Ladeira de Maria recebe obra pública para comportar as legiões de peregrinos que vão até o lugar diariamente (...) Os indicativos econômicos liberados pelo Banco Central indicam um aquecimento na economia do país, no último semestre. Economistas estão atribuindo o efeito ao turismo religioso, sem precedentes na história mundial (...) ‘estamos falando de um verdadeiro êxodo de países como Itália e Espanha para o Brasil’, de acordo com o economista Marcos Thiago, da FGV-SP” (Matéria do Jornal Gazeta, por André H. M.).

“A respeito da bala que matou Maria ter sido identificada como calibre e tipo utilizados pela PM, foi aberta uma sindicância para averiguar como a arma do disparo teria chegado até os traficantes...” (Reportagem do Jornal Nacional de 27/ 09).

“Famoso diretor da TV procura atrizes para interpretar Maria, em nova superprodução. Busca-se atriz de 8 a 10 anos, negra. Interessadas, mandar formulário preenchido até...” (anúncio colado em postes da Avenida Brasil).

“Corpo do irmão de Maria é encontrado num córrego perto do Morro, nessa madrugada. Pedro Silva estaria envolvido com o tráfico de drogas da região e era um dos suspeitos pelo tiro que a atingiu. Ainda não se sabe a causa da morte...” (Retirado de programa Cidade Alerta, de 08/09)

“ A família de Maria é forçada a vender a ‘casinha’ em que moravam após os preços da região subirem tanto. O Ladeira de Maria é atualmente o metro quadrado mais caro da cidade (...) será construído um shopping no lugar, o primeiro do Morro de Maria. A ‘casinha’ passará por uma reforma e estará preservada, livre para visitação, no centro do mais novo Shopping da cidade, que deve abrir as portas já no próximo mês, quando da visita do Papa.” (Matéria de Tomé T.L. publicada na Revista Veja, e 10/05).

“A Polícia Militar afirma que o Tiro de Maria partiu, na realidade, de um dos Policiais na operação. O Vaticano ainda não se pronunciou sobre o caso...” (Reportagem do Jornal Nacional de 27/ 09).

“... o que aconteceria do encontro do Capitão Nascimento com Zé Pequeno, no topo do morro, numa manhã de Segunda Feira? O sangue de Maria subiria aos céus.” (trecho retirado de publicação de J. P. na Folha de São Paulo, em 23/08).

## IX.

“Ainda estou em dúvida. Temos na mão o evento do século, do milênio, e dependemos dessas meninas? O que você achou? Quem? Hmm, Maria interpretando Maria venderia muito bem mesmo... Mas não sei. Acho que prefiro aquela outra... Não lembro o nome. Aquela de cabelo liso, sabe?”

**Evelyn McHale**

Uma rosa seca caindo, jogada pela janela.  
Na manhã seguinte, esparramada pelos jornais,  
Sobre a lataria de um carro,  
O corpo dela

## Além da Morte

Primeira noite sem ele do meu lado, na cama. Preciso de mais um cobertor.

Primeira Mega-Sena sem seus palpites. O silêncio depois dos números. Ninguém reclama. Ninguém grita.

Primeiro jantar sem ele. Sobra tanta comida. Preciso me acostumar a fazer menos... Ter que levar todo esse resto de comida de volta pra cima... Degraus rangendo. Costas doendo.

Mais lágrimas. Soluços. Óculos torto no nariz. Rosto molhado. O mundo embaçado. A idade pesando. Sem ele para me apoiar, me abraçar, me estender o lenço azul marinho desbotado na ponta, me segurar pelas mãos, que agora tremem.

Primeiro furo na parede sem ele. Para pendurar um retrato dele...

Primeiro domingo sem ele, no parque, depois da missa. Por ele.

Primeira ida ao banheiro, no meio da noite, sem ele reclamar dos chinelos arrastados no assoalho de madeira. As ferramentas também precisam dormir, ele diria.

Primeiro aniversário de nosso filho, nosso orgulho, nosso bebê. Sem o pai, sem bolo e com as velas do ano passado. 18.

Primeiro tricô. Era um cachecol. Pra ele. Sem ele na poltrona do lado, assistindo ao programa dele. Coloco os chinelos, ligo a TV, o programa dele continua ali, sem ele. O cachecol talvez sirva bem nosso bebê. Ele tem mesmo os ombros e o cabelo do pai.

Primeira páscoa sem ele. Sem ovos, sem batata, sem pegadas.

Primeiro joelho de porco, sem ele. Prato preferido dele. Só eu, o silêncio e nosso bebê.

Primeira vez que abro seu armário e as gravatas estão organizadas.

Primeiro natal sem ele. Tiro a roupa velha de Papai Noel da caixa, a calça vermelha, rasgada do último natal. Eu nunca consertei. Aquela barriga dele. Vou costurar todas as calças rasgadas dele. Penduro o traje ali no porão e o deixo respirando o cheiro de peru recheado. Sem ele. É bom ter nosso bebê por perto. Não aguentaria; não ele! Mas não tinha notado como é difícil engolir peru sem mastigar direito. Não farei mais.

Primeiras calças dele costuradas, sem ele para provar depois.

Primeiro *réveillon* sem ele. Só eu, nosso bebê e o som abafado dos fogos lá em cima.

Primeiro *spaghetti* a pomodoro, com o basílico colhido na hora, e aquela amassadinha que ele amava. O cheiro de alho na mão. Sem ele. Cheiro de alho sem ele.

Primeiro aniversário da morte dele. Agora, pelo menos, não serão mais as primeiras vezes sem ele. Talvez doa menos. Segundas. Terceiras... Talvez não doa mais. Talvez... Talvez já tenha coragem de ler o jornal do dia da morte dele. A rua inteira leu. A rua não entende. Não sabe o que é a primeira vez sem ele... A primeira vez com ele. A primeira vez.

O meu primeiro beijo, com ele, no cinema. Não lembro o filme, mas a música, o cheiro, o calor...

O primeiro passeio de moto. O cheiro de couro da jaqueta dele.

Minha primeira coca cola. Com ele. Uma garrafinha pequena, gelada. Arroto.

Minha primeira rosa.

Minha primeira cerveja.

A primeira vez que ele passou a ponta dos dedos pela minha nuca.

Primeiro sexo.

Primeiro café da manhã na cama.

Primeiro hálito no rosto.

Primeiro filho. Vestido branco. Buquê. Família. Dor. A mão dele apertando forte a minha.

Primeira casa que visitamos. A árvore velha na frente. O balanço pra criança. O porão pras ferramentas dele. A vizinhança. A rua tranquila...

A rua não entende. A primeira vez... A coragem.

“Filho embriagado atropela pai, na frente de casa e deixa mãe viúva. Acidente aconteceu na manhã do último domingo, no Bairro dos Carvalhos, conhecido pela tranquilidade. O filho está foragido e é procurado pela...” Eu cortava alho pro *spaghetti*, fatias bem fininhas, como ele gostava. O estrondo. Eu me lembro... Os cachorros da vizinha latindo. Gritos. Meu nome. O cheiro do alho. Ouço a filhinha do vizinho, “Olha, mamãe, olha... Tem sangue escorrendo pela rua”. Olho. O cheiro do alho... Olho. Chega. Chega disso. Talvez mais pra frente... Coloco os chinelos. Dobro e guardo o jornal, na última prateleira. Desligo a TV, já acabou o programa dele. Fecho as janelas. Vem chuva. Pego o prato de *spaghetti*, o garfo, as chaves. Destranco a porta do porão. Ela sempre emperra. Abro. Entro. Tranco. Está úmido e minha mão cheira alho. Odeio

essa escada. Alguns degraus rangem. Arrasto o banquinho pra perto dele. Mais perto. Ele não tenta mais gritar. Nem se soltar. Sempre aprendeu rápido, meu bebê. Coitado... Enrolo o macarrão no garfo. Basilico fresco e levemente amassado. Abre a boca. Faço aviãozinho.

## **Hiroshima Watercollor**

Velha lagoa

O sapo salta

Pele do tomate, mordiscada pelo fogo.

## O Ato de Esperar

### I.

O som do mar. O som de gaivotas. O som, fundo, de uma leve viola dedilhada ao acaso.

É em uma praia de uma vila de pescadores. Um longo, estreito e velho cais de madeira flutua sobre o mar. Em suas laterais ancoram alguns pequenos barcos, velhos, descascados e manchados. De um, amarelo, um pescador sem camisa retira uma farta pesca, em baldes. Gaivotas voam por perto. Em outro, pequeno, gasto, verde e vazio, nada acontece. No pequeno, vermelho e novo, encostado na lateral, um Violeiro, velho, cansado, tocando algo aleatório e lento. Muito lento.

À frente do cais, havia uma grande árvore tortuosa, de folhagem verde intenso, pendendo sobre um banco onde se sentavam uma senhora e uma moça. A velha era corpulenta, com uma barriga exageradamente grande, sobre a qual apoiava uma mão; A outra, mais nova, delicada e magra. Ambas olham fixamente para o mar, caladas e imóveis. A mais jovem tem em uma mão um prato de plástico com restos de arroz e espinhas de peixe. Ouve-se um leve som de crianças brincando, rindo e gritando. Há uma escola infantil por perto. O dia está ensolarado e o mar, calmo.

“Eu te espero”, diz a senhora, de olhos fixos no mar.

A jovem levanta-se do banco e caminha dali. Leva consigo o prato.

Ainda se ouve o som do improvisado na viola, ao fundo.

### II.

O som da viola, longe, o som de crianças. Poucas nuvens no céu e o mar, um pouco agitado. No banco, abaixo da árvore, está sentada a senhora, com a mesma aparência, a mesma mão sobre a mesma barriga, mesmo lugar e olhos constantemente fixos no mar. A mais moça chega carregando um prato com arroz e peixe, senta-se ao seu lado e lhe dá de comer com uma colher. A senhora não muda em momento nenhum o olhar.

Na praia, algumas gaivotas comem restos de peixes deixados ali. O Violeiro improvisa um som lento em sua viola, no barco vermelho ancorado no cais.

Terminada a refeição, a senhora permanece com o olhar fixo no mar e a jovem segura, no colo, o prato com os restos, olhando para o chão.

“Eu acho... Eu sinto um cheiro nele que não é só de peixe”. Respira. “Nem mar... Sabe? Nem bebida. Nem é meu esse cheiro nele.” A jovem olha para o mar. “Todos os dias que ele volta de lá... Eu acho. Eu acho que ele pode estar me trai... Que está tendo um...”

Silêncio.

A senhora, sem tirar os olhos do mar e a mão da barriga responde, “Eu te espero”.

A jovem se levanta do banco e, escondendo o rosto, sai dali, apressada.

No cais, de seus barcos, dois pescadores, sem camisa desembarcam a pesca. Um deles tem todo o braço esquerdo corroído por uma cicatriz. O Violeiro, no barco vermelho, toca sua viola e em direção a ele caminha um Violonista, alto, vestindo uma camisa social preta, um pouco aberta no peito, com um violão na mão.

### III.

No banco, abaixo da árvore, agora carregada de botões de flores, senta-se a senhora, no exato mesmo lugar, com os olhos constantemente fixos no mar. A jovem, com o prato de comida, senta-se ao seu lado e lhe dá de comer. A jovem encara o chão. A senhora, o mar.

O som é melancólico, um violão e uma viola, um contraponto de duas melodias lentas conversando arrastadas pelos cantos do cais.

O dia está ensolarado; o mar, calmo.

“Eu te espero.” Diz uma. A outra levanta e sai.

### IV.

As rochas e a areia da praia estão cobertas por flores vermelhas. A árvore, carregada de vermelho, e o aroma, suave e adocicado, soprando pelo cais. O som do contraponto é mais andante do que antes, entre o violão, a viola e as crianças ao fundo.

O mar está agitado.

A senhora e o banco estão cobertos pelas flores. A jovem cuidadosamente limpa as flores caídas sobre ela, e lhe dá de comer. Uma olha o mar, a outra, o chão.

“Essas flores”. A jovem, com um leve sorriso. “Elas me lembram tanto aquele tempo que, nessa época do ano, ele me trazia um punhado dessas flores. Além do peixe e da roupa suja”. Ela sorri. “São lindas, né? Mas só no começo mesmo. Não durou muito. Ele sabe que eu

amo essas flores. Deve ser por isso... nunca mais trouxe”. A mão da senhora sobre a barriga,, “Eu te espero”.

“Ele sabe o quanto eu ainda o amo”. A jovem ouve o som de crianças ao fundo, deixa de sorrir, olha para trás. “Eu nem consigo... Não consigo... Pra ele!” Silencio. “Por isso não me ama. Eu queria ter, sabe? Eu não...” A jovem volta a olhar para o chão.

Um Contrabaixista, de meia idade, arrasta com dificuldade, pela areia, um contrabaixo, em direção ao Cais.

V.

No Cais de madeira, alguns pescadores vestidos com roupas pesadas e grosseiras descarregam pescas, outros, ainda mais agasalhados, preparam as redes. No barco vermelho, O Violeiro toca viola; Violonista, violão; e o Contrabaixista, contrabaixo. O barco está mais fundo, na água, na ponta que o contrabaixista se espreme. O som, como de um blues melancólico, é humilde e sincopado.

O mar está tranquilo, soprando para a praia uma névoa leve e gelada.

Na praia e nas pedras, crianças, uniformizadas e agasalhadas brincam, correm, gritam, riem.

A senhora e o banco estão cobertos com folhas amareladas, a árvore, quase desfolhada. A jovem, ao seu lado, com um cobertor nos braços, além do prato de comida. Com pouco cuidado, limpa parte das folhas sobre o corpo da senhora, tenta afastar o braço apoiado na saliente barriga. Nada. Deixa a barriga, o braço, o cabelo intactos, sujos, e a cobre com a manta desbotada e manchada; Dá-lhe de comer. Em silêncio, a senhora, no mar, a jovem, no chão.

“Eu não posso tê-los”. A jovem olha para as crianças brincando, em um choro contido e sem som. “Crianças... Eu... Ele... Ele só queria uma família, sabe? Eu não sei. Ele não me acha família dele. Não posso dar uma família para ele. Por isso ele não me... Ele não tem... Eu... Eu amo tanto ele.”

“Eu te espero”, responde.

“Eu o amo... Estou o perdendo. Não sinto mais o cheiro dele. Tenho medo de esquecer o cheiro dele, o nosso cheiro... Ele... Eu o amo tanto”. A jovem levanta do banco e, a passos rápidos, sai dali.

Na praia, no meio das crianças brincando, uma delas, uma pequena Clarinetista, trajada com um vestido social vermelho, anda com um clarinete na mão, em direção ao Cais.

## VI.

A praia está vazia. O mar, muito agitado e o céu, carregado de nuvens escuras.

No Cais, apenas o barco vermelho em que o Violeiro toca viola; Violonista, violão; Contrabaixista, contrabaixo; E o Clarinetista, um clarinete que sola o blues sincopado e arrastado.

A árvore, totalmente desfolhada e, no banco, a senhora e jovem, bem agasalhadas, sentadas. Uma, o chão; a outra, o mar.

“Eu te espero.”

Pelo Cais, anda vagaroso um senhor de idade, com um violino tremendo, também vagaroso, na mão.

## VII.

No Cais, pescadores com roupas leves desembarcam suas pescas. No barco vermelho, baixo, próximo da água, o Violeiro toca viola; Violonista, violão; Contrabaixista, Contrabaixo; Clarinetista, clarinete; E o violinista, violino. O som é o de um tango adágio sensual.

O mar está pouco movimentado e o céu sem nuvens.

Abaixo da árvore, colorida de um verde claro, quase transparente, a senhora e a jovem sentam-se, já no final do prato de comida. Terminado, a jovem olha para o mar e segura a mão que a senhora não apoia na barriga, ainda mais volumosa. Diz, “O que você sente quando eu te seguro assim? Quantas vezes já me seguraram assim? Pela mão. É tão... Tão... Ontem, ele me segurou assim, pela mão, desse jeitinho que estou te segurando. Só assim. Ele não tocou meu corpo, meus peitos, meus lábios. Não. Ele ficou ali, assim, segurando minha mão. (Pausa). E eu nunca amei alguém tanto assim como naquele momento. Com esse toque. E eu tivemos a melhor noite de amor da minha vida.”. Do mar, após silêncio, “Eu te espero!”.

Na praia, caminham ao longe, 3 percussionistas, um carregando um Atabaque, outro um Bongô, e o último um Surdo.

## VIII.

Na praia, diversos barcos atracados, pescadores recolhem a pesca em baldes, outros armam os barcos para sair. Entre eles brincam crianças. O mar está tranquilo e o céu limpo. Apenas longe, no horizonte, há nuvens escuras.

No Cais, movimentado, há vários barcos. No vermelho, quase submerso na ponta do Contrabaixista e levantado na ponta do clarinetista, o Violeiro toca viola; Violonista, violão; Contrabaixista, contrabaixo; Clarinetista, clarinete; Violinista, violino; E o trio, percussão. O som é como uma Bossa Nova, sincopada, envolvente.

No banco, abaixo da árvore colorida de um verde intenso e alguns pontos vermelhos, a senhora apoia o braço inteiro na barriga, com os olhos fixos no mar. A jovem, sem o prato de comida na mão, muito sorridente, ao seu lado, “Você não acredita. Eu não acredito... Eu acho... Eu acabo de voltar da casinha do doutor.”. A jovem dá um beijo na testa da senhora, que não muda o olhar, “Estou grávida”. Ouvem-se trovões ao longe. “Preciso contar para ele! Vou contar. Sim. Vou contar hoje mesmo... Preparar um jantar especial, passar na venda... Nossa, a reação dele. Não está louca também para saber a reação dele? Venho contar correndo, a primeira coisa amanhã”. E dos olhos fixos no mar, “Eu te espero!”.

A jovem se levanta do banco. Conforme ela anda, afastando-se da praia, cruza com o Padre, de meia idade, com um triangulo musical na mão, andando no sentido contrário. Passa . pela praça. Pela venda. Volta à praça, sorri para as mesmas pessoas de antes. Tenta tocar, carinhosa, os cabelos das crianças que correm ao seu redor.

Aproximando-se da casinha onde mora, encontra seu Marido, de corpo grande, barba, saindo da casa, com a grande caixa de ferramentas de pesca na mão. Ainda ouve-se o som dos músicos do barco vermelho. Dando-lhe um beijo, a jovem diz:

“Vou preparar um peixe para comermos juntos quando voltar”.

“Eu posso demorar, não precisa esperar”. Ele responde, sem dar-lhe muita atenção.

“Não, não. Hoje é... Eu te espero!”

O marido, já longe andando na outra direção, “Coloquei a roupa suja em cima da cama.”

Ouve-se o som de trovões mais próximos.

Dentro de casa, a jovem fecha os olhos e inspira com intensidade. A sala é pequena, sem reboco ou pintura, o apertado espaço da cozinha, o pé-direito pouco mais alto que ela. Na pia um pouco de louça suja. Ela abre os olhos, expira. Para-se de ouvir o som dos músicos do barco vermelho, e o silêncio é interrompido apenas pelos trovões mais intensos do céu, escurecendo.

A jovem lava a louça. Organiza a sala. Separa e lava, na mão, as roupas sujas do marido. Arruma a cama, duas vezes.

Fora da casa, o dia escureceu de nuvens. A jovem pega duas capas de chuva no quarto, veste uma e sai correndo, com a outra na mão. Ela tem um sorriso constante no rosto. Correndo pelas ruas, ela vê o mar muito agitado e nuvens escuras se aproximando. Ela chega ao banco da senhora, com a capa de chuva extra na mão. Todos os barcos estão recolhidos na praia. O barco vermelho não está mais lá. O banco está vazio.

O banco está vazio.

O mar está muito revolto e o Cais balança violentamente sobre as ondas.

A expressão de felicidade da jovem vai dando lugar à de medo. Deixa cair da mão a capa de chuva extra, senta-se no banco, no exato lugar da senhora e ali permanece, com a mão sobre a pequena barriga, observando o mar e a tempestade se aproximar.

## **Micro-conto Individualista**

Um homem alto, ou magro, ou loiro, está sentado em uma sala de cinema, ou em um balcão de bar, ou em uma cobertura de Manhattan, olhando pro nada, ou pro nada, ou pro nada... Quando uma gata branca com o rabo manchado cinza, ou um cão de orelha direita caída, ou uma criança barriguda descalça de pés sujos de terra, andam até ele, “Mais um drink, senhor?”.

## Depois do Café

Pai do céu... O que. O que que eu faço agora? O que eu faço? Calma. Calma. Celular. Onde deixei o celular? Não está no balcão. Na cama? Isso. Aqui. Cadê? Calma. Con-ta-tos... Isso. Por favor, vai...

-Alô.

-Alô, *fio*?

-Vó? Vó Marli?

-Louvado senhor, *fio*. Pedrinho, me socorre. Nos filmes aí que...

-Está tudo bem, vó?

-Tudo. Me escuta, *fio*... Nos filmes que você assiste aí, o que as pessoas fazem com os corpos... Dos que morrem?

-Oi? Não entendi, vó...

-Quando alguém morre! O que os outros fazem com o corpo?

-Enterram?

-Não, sim, não. Não morre assim não. Morte morrida, meio acidental.

-Vó, está tudo bem?

-Está tudo ótimo, menino. Me diz, você fica aí só assistindo essas coisas o tempo todo. O que eles fazem com os corpos?

-Ah, vó. Sei lá. Depende do tipo de filme.

-Qualquer tipo de filme que tem um corpo no meio da cozinha.

-Se for num apocalipse zombie, o corpo deve levantar quando quem matou se distrair.

-*Crê em deus pai!* Vira essa boca pra lá, menino.

-Ou num terror, o corpo estaria numa posição um pouquinho diferente da última olhada.

-Para! Num filme real... Assim, que parece...

-Bem, vó. Tem uns que os corpos são cortados em pedaços. Vários pedacinhos. E espalhados, aos poucos...

-Pedacinhos? E tem como cortar assim?

-Jogados em lugares diferentes da cidade. Tem lixão. Bueiro. Mato...

-Deve ser bem difícil achar as juntas pra cortar, né?

-Sei lá... Você já desossou porco? Deve ser parecido.

-Ah, seu vô era tão bom nisso....

-Ele está aí com você? Como ele...

-Será que dá pra fazer com faca de cozinha?

-Mas, vó, calma, geralmente nos filmes policiais, quem fez isso sempre é pego.

-Ai, *fio*.

-Nos de detetive também...

-E nos filmes mais normais?

-Sei lá, vó. Normais? Uns, eles enterram no quintal de casa.

-Hmm...

-Mas o corpo fica atormentando, pra sempre por perto.

-Mas deve fazer bem pras rosas.

-Ou também colocam o corpo no carro, e explodem tudo.

-Poxa.

-Mas tem que ter muito dinheiro pra isso. Ou ser uma puta produção.

-A boca, Pedro!

-Ou eles também jogam no rio. Sim, uma excelente opção.

-Em um rio? E funciona?

-Se der sorte, for longe de cidade, à noite, ter cuidado com a roupa do corpo, ter um álibi muito bom..

-Álibi?

-É difícil, mas às vezes funciona...

-Quer saber, deus é pai! Ele vai dar um jeito nisso. Vou passar um café. Tchau.

-Vó?

-...

-Vó? Vó Marli?

-...

-Alô... Alô, vó?

-...

## O Útero

Nada.

Nada.

Nada. Apenas uma piscina vazia.

A figura comprida, torta, encolhida no espaço vazio daquela cama de casal, acorda, abre os olhos. Nada. Absoluto silêncio. Escorre a palma da mão pela cama, em busca de alguém. Algo? Permanece ali, de olhos abertos, imóvel. Escuridão. Nada.

O som do despertador arde o ouvido. Já nasce algo que parece o sol. Já soa algo que parece ruído. Ele ali, com o braço esticado, agarrando o vazio de seda. Levanta-se. Pés descalços no chão morno, aquecido a gás. Comprimidos. Banheiro. Figura alongada, curva, observando-se em um espelho no qual não precisaria se curvar. Traja preto, como sempre. Barba por fazer. Tecido aquecido. Espuma. Navalha. É vagaroso. Pós-barba. Respira fundo, olhos fechados, tenta sentir o peso a menos de seu rosto. Nada. Abre os olhos; encara-se. O peso continua. No copo que guarda a navalha, duas escovas de dente iguais, uma azul gasta, mordida, uma vermelha, intacta.

Não come. Vai até a piscina. É uma piscina coberta por um grande teto de vidro encardido. Uma grande piscina vazia. Sem água. Dentro dela, apenas uma pequena mesa, uma pequena cadeira e um pequeno notebook. Mínimo. Nada de mais. Grande e vazia. A figura alta e curva encara a piscina. Inspira. Vazio. Expira. A passos vagarosos, desce a escada. Caminha dentro da piscina. Senta-se. Escreve. Nada, vazio. Escreve. Levanta-se. Imóvel, encara a lateral seca da piscina. Azulejos desbotados, manchados, secos. Rachaduras nas juntas frias. Arrasta os pés, secos, frios. Senta-se, leva as mãos à cabeça. Nada. Da cozinha, escuta a voz doce dela, chamando. Ela... Aquela voz soa como uma melodia no oboé. Talvez o almoço.

Levanta. Sobe a escada. Sai da piscina. Olha pra baixo. Vazio. Seco. Indo à cozinha, chama sua filha, esse horário já deve ter voltado do colégio. “O almoço está pronto, venha!” Nada. Ninguém. Silêncio. Todo o balcão da pia tomado por louça suja. O cheiro. As moscas... Come algo da geladeira. Volta. Desce. Senta-se. Escreve. Sente o peso lhe pesando contra o piso, frio, seco. Corcunda. Uma piscina vazia. No centro, pequena mesa, cadeira, notebook, e a grande, alongada e curva figura, escrevendo, em silêncio, e mais nada. Para. Não se move, segue com os olhos a escada, numa das laterais da piscina, que sobe, sobe, sobe e leva ao trampolim. Bem a sua frente. Encara. Nada. Inspira. Permanece assim. Algumas lágrimas. Além do silêncio, agora escuridão, o sol sumiu. Expira. Levanta, sai da piscina. Olha para baixo. Inspira. Come. Bebe. Banha-se. Comprimidos. Cama. Expira. Nada...

A figura comprida, torta, encolhida no espaço vazio daquela cama de casal, acorda; abre os olhos. Nada. Absoluto silêncio. Escorre a palma da mão pela cama, em busca de alguém. Algo?

Periodicamente, crises e o pequeno garoto. As crises: Pranto, comprimidos, piscina. A cabeça encostada na quina seca e vazia. Imóvel, espera sua filha lhe pedir ajuda com a tarefa, dinheiro para o cinema, ou um copo de leite na cama. Nada. Sai. Come. Banha-se. Comprimidos. Cama. O pequeno garoto, menino que mora por perto e traz as compras até a casa, em troca de dinheiro. Paga. Fecha a porta. Volta pra piscina.

Mais nada.

Disse a um vizinho, ainda da orquestra da cidade, em um domingo de feira, último que saía de casa, que trabalhava em um livro. Por isso o quintal tão mal cuidado. Por isso tão recluso. Sobre a vida, sua mulher, sua filha, sobre o oboé, respondeu. Sobretudo, ainda, sobre nada. ‘O Útero’, chama-se ‘O Útero’. Não, ele não usa mais a piscina depois do que aconteceu. “O oboé dela? Doe!” Foi o último dia que pisara no gramado da frente de sua casa.

Pedi ao pequeno garoto, um dia, que trouxesse junto às compras a maior extensão que encontrasse. Pagou. O pequeno trouxe, recebeu, fechou a porta, foi embora. A figura, em preto, arrastou a geladeira até a piscina. Passos curtos, lentos. Jogou-a. Caiu deitada. Assim ficou. Ligou. Deitada. Cheia.

Na piscina escrevia; na piscina respirava; na piscina chorava; na piscina comia. E nada. Demorou umas semanas para pensar em arrastar seu colchão de casal, pesava-lhe muito mais que a geladeira, dentro da piscina. Ali também dormia agora. Na piscina escrevia, respirava, chorava, comia. Passou também a aliviar suas necessidades, fezes, urina... Na piscina; seca; cheia de vida; vazia.

“Pai, o que está fazendo? Papai...”

Abandonou o colchão. Passou a sentir maior prazer no gelado e desbotado azulejo da piscina. Estava manchado como a piscina. Passou a usar o colchão para cobrir seus excrementos e evitar que a urina escorresse pelo piso. As rachaduras nas juntas aumentavam, profundas, secas.

“Papai, por favor, estou com frio.”

Vivia ali, na piscina. Escrevia ali, na piscina. E nada. Nada.

Um dia, terminou. Escreveu as últimas palavras. Respirou. Com sua voz, leu todas as palavras de seu livro, mas o que ouviu, reverberando no gelado da porcelana foi o oboé, foram as vozes delas. Acabou. Sua voz. Sua culpa. Fechou os olhos, não os abriu. Respirou fundo. Respirar era o suficiente. E a cada inspiração seu peito retinha mais euforia; seu coração mais velocidade; suas vísceras, mais regozijo e sua boca, mais sorriso.

Abriu os olhos. Teve vontade de nadar. Nada. Saiu da piscina. Olhou para baixo. Viu sua vida. Tudo. Viu a culpa, a piscina, o notebook, a geladeira deitada, as rachaduras, o colchão manchado, cagado. Sentiu o cheiro. Seu cheiro. Sorriu. Fechou os olhos. Inspirou. Abriu. Viu o oboé, sua mulher, sua menina. Resolveram nadar. Sorriram.

Encheram a piscina de água. Tudo dentro. Água subindo. Sorriam. Subiram vagarosamente a escada do trampolim. Subiram. A água subindo. No topo, olharam para baixo. Viram sua vida flutuando na água. Seu colchão, seu computador, suas fezes. Tudo líquido. Tudo flutuava. Mergulharam na piscina. Mergulhou em sua vida.

Nada.

Nada.

Nada.

Apenas manchas vermelhas em uma piscina seca, vazia.

## **No Museu**

Observo pessoas observando-me observá-las.

Eu, aqui, figurado.

Elas, ali, fictícias.

## O Peso dos Corpos

### *I. De Moto Corporum – Sobre o Movimento dos Corpos*

É de fato pequena a igreja. Aconchegante, pensou Father Anthony naquela manhã, há tanto tempo, quando chegou à vila. Mas pequena de mais para tanto vazio, tanto ecoar da mordida seca de uma maçã. São muitos os sons dessa única mordida, vindos das paredes, teto, pilares, tudo interrompido pelo silêncio do mastigar do pastor, sentado, já cansado a essa hora da manhã, na fresta da pouca luz do sol que invade, só nesse momento do dia, a igreja. Silêncio. Cheiro de madeira, de pedra, de luz, de maçã. Passos. – Father! Father. Oh, Father. Venha! Há algo errado. Estão todos no lago. Venha.

Father Anthony, de pés descalços na areia gelada, deixa os sapatos, que levava nas mãos, cair. Estão ele e toda a rala população da vila ali, à beira do lago, em silêncio. Junto de seus pés, na areia, três extensas redes de pesca entulhadas de maçãs, também em silêncio. Só as águas do lago pareciam não respeitar o silêncio do momento. Vermelhas. De um vermelho de intensidade jamais vista por ali. Mais barcos se aproximavam, silenciosos, ao desembarque dos quais, seus pescadores arremessavam ao chão as cargas maciças de maçãs pescadas. Nenhum peixe. Nada vivo. Apenas o movimento fluido de maçãs derramadas se esparramando pelo chão, envolvendo gentis e delicadas os pés de Father Anthony, inerte, admirando a massa vermelha das frutas se acomodando na areia. Da pequena multidão mais atrás, esperando do pastor alguma reação, uma menina, com não mais de sete anos de idade, buscou com a pequena e delicada mão, uma das frutas, no chão. O melindroso branco da mão no violento vermelho da fruta que a criança apanhou dos pés do Pastor. Cortês, ele se agachou a sua altura para tirar-lhe da mão a maçã. Deixou no lugar um beijo e mandou-a, com um impulso, de volta à multidão. Levou, então, e maçã ao rosto, buscou algum cheiro, roçou a superfície vermelha polida contra seu rosto. Algo nesse movimento lhe fez fechar os olhos, suspirar. Não parou.

Em cima de rochas e pedras, à beira do lago, crianças da vila, com varas improvisadas, pescavam maçãs da água. Na faixa de areia, um manto vermelho, refletindo vermelha a luz do sol daquela manhã.

## *II. De Moto Corporum – Sobre o Movimento dos Corpos (cont.)*

“Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda a árvore do jardim?” É, de fato, pequena de mais a igreja, para toda a população da vila. Ainda assim, estava toda ela ali dentro, atenta a Father Anthony. “O Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado.”

O pecado original. A tentação. A danação. O sofrimento. E o vermelho das maçãs que não deviam jamais ser consumidas. Estava claro. O fruto proibido.

“Father. Oh, pai... Tenho medo, pai. Só maçãs saem desse lago. Tenho medo. Sem as pescas, pai, sem o peixe não teremos comida por muito tempo.” Disse-lhe alguém após o culto. “Bem-aventurados os que têm fome, se assim deseja o Senhor, meu filho”.

“Mas Pai...” Contestavam todos da vila. “Não, não temam, meus filhos! Não comam do fruto. Não pequem (...) e o Senhor lhes concederá, de volta, o peixe, a fartura.”

A tentação. A provação. A fé. E o vermelho das maçãs que não deviam jamais ser consumidas. Já não estava mais tão claro. A Fome.

## *III. De Mundi Systemate – Sobre o Sistema do Mundo*

A Fome: Uma igreja pequena e abandonada. Uma vila sobrevivendo de maçãs pescadas. E um pastor, conturbado, fugindo sem rumo, sem destino.

No carro de Father Anthony, uma quantidade exagerada de crucifixos de vários tamanhos pende de cada ponto possível e balançam em sincronia, nas curvas do caminho. De olhar fixo na estrada, e um ligeiro tremor em um dos olhos, o pastor que acabara de desertar sua igreja, sussurrava afobado “*Mea Culpa. Mea Culpa. Mea Culpa. Mea Culpa...*”. No capô do carro, uma foto da criança que, no lago, lhe buscara a maçã. Seu olhar não ousava passar por aquele ponto. “*Mea Culpa...*”. Se ele sabia do que fugia, para onde fugia não era tão claro. Apenas, quanto mais rápido, mais longe. Era já na segunda madrugada corrida da jornada, e ele entrava no subúrbio de uma cidade qualquer, num momento não tão qualquer.

Naquele instante, naquela cidade, Isaac, estudante sentado em baixo de uma macieira, lia “*Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*”\*, quando um peixe cai-lhe na cabeça. Outro,

cai na piscina do quintal do lado, vivo. Outro. E outro... Peixes e sapos caem aos montes do céu, e do olho que tremia, uma lágrima. É naquele instante, é naquela cidade, que o animal caído do céu faz com que um senhor, prestes a cometer suicídio, erre o tiro; que o medo reúna a mãe e a filha viciada; que o pai moribundo, acorde para respirar uma última vez, olhando para o filho afastado; que um enfermeiro tenha razão para chorar sem culpa; e que na estrada, da porta aberta de um carro, saia um rastro de sangue, até Antony, de joelhos no asfalto, braços para o alto, corpo sendo mutilado pelo peso daqueles corpos, enquanto prega seu último sermão para os peixes que caem.

*\*Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*". Obra publicada por Isaac Newton, em três volumes: "*De Moto Corporum – Sobre o Movimento dos Corpos*"; "*De Moto Corporum – Sobre o Movimento dos Corpos (cont.)*"; "*De Mundi Systemate – Sobre o Sistema do Mundo*", contendo as *Leis de Newton, princípios fundamentais da mecânica clássica e a lei da gravitação universal*.

## **Minimamente Existencial**

Após as rodas daquele vagão de metrô partirem seu corpo, a família cancelou suas assinaturas,  
alugueis, contas. Doou seus gatos. Mudou de cidade.

Ainda hoje perguntam, no canal do youtube, que cremes ela usa para o cabelo.

## Antônio

...Que puta luva estilosa. Gringa. Se não fosse tão grande, se minha mão não ficasse dançando dentro dela...

É época de carnaval.

- Bruno, olha aqui. Varrendo, lá nas arquibancadas de cima, encontrei essa luva. Olha que beleza. O cheirinho de couro. É muito grande para mim, vê se te serve... Boa, fica com ela, então. Só não tem o par, varri a noite toda, aquele setor inteiro; fui até os estacionamentos procurando o outro par. Nada. Uma pena.

Nessa época, brota sujeira nas ruas. Brota trabalho.

- Além da luva, hoje teve esses 3 isqueiros, um vermelho, um azul, vazios. Outro azul, cheio. Uma caixinha de fósforos Argos cheia, mas sem nada dentro além de fósforos. Não foi dessa vez. Ainda tem os comprimidos da última ou acabou? Você usou tudo, né? Seu... Quem sabe amanhã. Tem esse molho de chaves. E hoje foram 7 bilhetes da loteria. Quantas o pessoal achou nos outros setores? Nossa. Com mais essas dá o que, uns 30 bilhetes? Vê se confere todos eles. Logo vai precisar de uma sala maior. Um achados e perdidos que ninguém volta buscar nada... Tem mais essa cartela de Pepsamar também. Nenhuma fitinha cassete hoje, nenhuma carteira, mas esse vidrinho de “brilhantina” no banheiro. Não sei o que é...

Até uns anos, nessa época, ficava só na rua mesmo, e já faturava um pouco. Agora, todo carnaval a prefeitura me coloca pra limpar o sambódromo. Isso é elite. Essa é época de não passar fome.

- Ele passa isso ai no cabelo, então? E não faz mal não? Vou conversar com ele depois. Que setor aquele puto está limpando esse ano? Cheirinho legal. BRI-LHA... BRI-LHAN-TI-NA. E pra quê que isso serve? Não vi não. É um filme?

Essa época é muito boa. Chego lá, fico vendo o monte de mulher pelada, pintada, cheia de joias e coisas. Terminam os desfiles. Expulso os gringos das arquibancadas. Limpo. Levo as tralhas pra central de achados e perdidos. Papeio um pouco com o Bruno. Fumo um baseado com uns outros, lá. O turno termina, pego o primeiro ônibus. Compro uma coxinha na esquina da Brasil com a Voluntários. Chego em casa. Bato uma, pensando em alguma das peladas, enquanto o sol nasce. Durmo. Odeio sol.

- Não, não vi. Eu nunca vou no cinema. É bom? Eles usam essa brilhantina nesse filme? Eu não fico reparando em cabelo de homem por ai... O rapaz chama Tony, já gostei. Esse filme passa na TV? Então onde é que fica mesmo aquela locadora do teu primo? Estou com um toca fitas emprestado lá em casa.

Eu podia bater uma ali mesmo, ao invés de esperar até chegar em casa. O Ricardo, velho amigo meu, fazia isso, batia ali nos cantos, ou nos banheiros. Mas depois que pegaram ele, a prefeitura nunca mais contratou o cara. E o bicho era gente fina. Nem gari é mais, dizem que anda lá pelo lixão, coitado. Pelo menos, está com a família, agora. Eu ralei pra chegar aqui, ralei muito, graças a Deus. Por isso só bato punheta em casa.

- “Embalos... Tony Manero. Bee Gees”. Não vou lembrar disso. Escreve pra mim num papel ai. Valeu, levo ele e a brilhantina, em troca da luva, pode ser? A culpa não é minha que não tem o par. O Pepsamar a gente divide. Você sabe que eu preciso, aquelas coxinhas estão me matando... Amanhã te digo o que achei da fita. Antonio Manero, Tonho Manero, imagina? Se duvidar, somos até parecidos... Calma. não precisa ser maldoso assim, nunca vi a bagaça... Para com isso, esquece. Você sabe como que passa essa brilhantina? Só isso? Nossa, faz anos que não vejo um filme... O Ricardo curtia isso de cinema, não era? Oi? O Ricardo? Como assim? Quando? Como?

Ricardo morreu. Os polícia pegaram ele fugindo. O velho tinha roubado umas picanhas pra comemorar a formatura do filho na quarta série. Na quarta série! Pode? Um imbecil. Ele tem gêmeos. Tinha. Eu não sabia...

O primo do Bruno abriu a locadora só pra mim, naquele horário. Só porque ainda estava no bar da frente bebendo. Era caminho de casa. Gente boa. Ainda me emprestou uma fitinha k7 das músicas do filme, que deixaram, perdida, lá na loja. Depois da coxinha, ao invés da punheta, abro as janelinhas pro cheiro de mofo sair, guardo a brilhantina no último canto livre do banheiro, do lado da Q’boa. Abro a caixinha da cassete perdida e na fita vejo a marca de batom de um beijo, vermelho, de um cheiro fortíssimo. Nem dá mais pra sentir o mofo. E entre o plástico e a capinha tem um papel, um canto de agenda rasgado, página 204, com algumas palavrinhas escritas em preto, e uma foto polaroid dobrada. Na cartinha a letra é meio feia. Leio depois. Não sei qual lado da fita é o certo... Coloco qualquer um, aperto o play. O sol nasce e entra pela janela. A luz, o calor, o som, o cheiro do batom de um beijo perdido... E no bilhete encontrado: “Parabens, meu amor. Agora já é Doutor, formado e tudo. Esse é meu presentinho para você, só falta agora aprender os passos pra me levar pra dançar. Meu amado Dr. Tony Manero”. Abro a polaroid. É um casal, e... Sou eu! Eu? Sou eu! Sou eu? Sou eu? Sou eu? Sou eu? Sou eu?

Sou eu?

Coletânea de contos dedicada a **Cindy Bae**